

O TRABALHO E AS VIVÊNCIAS DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS DA CIDADE DE SOBRAL-CE.¹

Francisca Ingrid Aguiar Parente (PPGAS/UFRN)

Palavras-Chave: Domésticas; Socialização; Trabalho.

1. Introdução

A pesquisa aqui descrita busca analisar as vivências das mulheres que trabalham como empregadas domésticas e são moradoras do bairro periférico Terrenos Novos, localizado na cidade de Sobral/CE. Destaco e analiso as interações dessas mulheres tanto na esfera do trabalho, como na esfera da família e relação com o bairro em que moram.

Assim, busco compreender como as empregadas domésticas veem a relação existente entre elas e seus empregadores. Também procuro entender como o trabalho doméstico remunerado acaba afetando a sociabilidade das empregadas dentro de seus bairros e junto a suas próprias famílias e vizinhos.

A pesquisa aqui apresentada foi realizada entre o ano de 2017 até Janeiro de 2020, tendo como resultado o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado para título de graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e possui continuação com o ingresso no Programa de Pós-graduação de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

No bairro Terrenos Novos me deparei com situações diferentes, quando se trata da pluralidade de mulheres que trabalham como domésticas. Possuo seis interlocutoras, dentre elas quatro não trabalham mais como domésticas e durante o seu tempo de serviço não chegaram a se beneficiar com a Pec das domésticas². Duas domésticas ainda trabalham e apenas uma delas possui seus direitos trabalhistas efetivados.

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que garantiu os direitos trabalhistas a mulheres e homens que trabalham como empregados domésticos, como carteira assinada, previdência social, 13º, férias, pagamento de horas extras.

São elas Rosa³, Carmélia, Violeta, Iris, Margarida, Hortênsia. Rosa tem 53 anos de idade e trabalha como empregada doméstica desde os seus 8 anos. Mora a 33 anos no bairro Terrenos Novos, é casada e possui 3 filhos. Já Carmélia não trabalha mais como doméstica. Atualmente possui uma lanchonete no bairro, onde vende bolos e salgados que ela mesma cozinha. Entretanto, ainda não é aposentada. Apesar de não trabalhar mais fixo na casa de uma família específica, Carmélia ainda cozinha para seu antigo patrão em algumas ocasiões em que ele a chama. A ex-doméstica conta que saiu do trabalho na casa dos patrões quando ocorreram alguns problemas de saúde, em que ela teve que fazer uma cirurgia.

Dona Violeta é ex-empregada doméstica. Atualmente trabalha em uma lanchonete de seu filho. Violeta relatou que foi graças a seu filho que parou de trabalhar como empregada doméstica, pois ele conseguiu através de seu trabalho construir um mercadinho para ele e uma lanchonete para Violeta trabalhar. Violeta estava com a saúde debilitada e seus problemas se desenvolveram no período em que trabalhava nas residências dos patrões.

Iris tem 37 anos e começou a trabalhar como doméstica aos 19 anos. Atualmente trabalha em duas residências, uma há 19 anos e outra há 2 anos, trabalhando três dias na semana para cada casa.

Margarida é mãe de Iris, e passou toda a sua adolescência trabalhando como doméstica. Isso porque Margarida ia com sua mãe para o trabalho dela, por vezes até a substituíria na casa dos patrões quando sua mãe (Hortênsia) não podia ir. Isso ocorreu até o momento em que sua mãe teve que se afastar do trabalho por questões de saúde e Margarida assumiu o trabalho de Hortênsia, começando a trabalhar para os antigos patrões da mãe.

Hortênsia, mãe de Margarida e avó de Iris, trabalhou boa parte de sua vida para sua prima. A senhora me relatou que não queria que sua neta também estivesse trabalhando como empregada doméstica, pois segundo ela, foi um trabalho em que foi bastante humilhada.

As mulheres com quem tive contato no bairro Terrenos Novos se diferenciam individualmente. São ex-empregadas domésticas e mulheres que ainda trabalham como domésticas, uma possuindo carteira assinada e outras não. Entretanto, é importante destacar que minhas interlocutoras possuem alguns aspectos em comum.

³ Os nomes utilizados no artigo são fictícios.

O trabalho doméstico é caracterizado pela interseccionalidade, que são categorias sociais que se articulam entre si. Assim, não é possível discutir gênero sem levar em consideração suas interligações e trânsito entre classe e raça.

No próprio campo de pesquisa essas categorias aparecem constantemente ligadas no cotidiano das domésticas, e a compreensão de como se dão será importante para entender as discussões que serão realizadas posteriormente, tanto sobre a relação das domésticas em seu próprio território com família e vizinhos, como suas relações com a família dos patrões.

Piscitelli (2008), através de sua pesquisa sobre mulheres migrantes, destaca que a categoria gênero se relaciona com outras categorias, como a de raça, classe, sexualidade e nacionalidade, entendendo que essas categorias influenciam de forma direta a desigualdade presente na realidade vivida por mulheres.

Assim, a interseccionalidade vem a discutir as diversas categorias existentes que não podem ser entendidas separadamente. É por esse motivo que a discussão sobre interseccionalidade nessa pesquisa se faz tão importante e persistente. Akotirene (2019) coloca que o termo em si é bastante discutido no feminismo negro. Isso ocorre principalmente pelo fato de que tanto o feminismo representado por mulheres brancas como os movimentos antirracistas, quando pensados isoladamente, não abrangem as especificidades das questões raciais e de gênero ao tratar das mulheres negras.

Em meu campo de pesquisa, os principais marcadores sociais que se cruzam são gênero, raça, classe e território. Isso porque as domésticas pesquisadas são moradoras do bairro periférico Terrenos Novos, são mulheres negras e se deslocam diariamente para trabalharem nas casas de família, localizadas nos bairros de classe média alta da cidade de Sobral.

A abordagem que descrevo dessa temática destaca o ponto de vista das mulheres que trabalham ou já trabalharam como empregadas domésticas. Assim, as relações com os patrões serão analisadas a partir da visão dessas mulheres. Suas histórias e relatos sobre o trabalho doméstico são importantes para o conhecimento sobre suas perspectivas e para perceber como esse trabalho influencia na vida pessoal das empregadas.

A metodologia utilizada se baseia em anotações e o diário de campo, entrevistas, a observação participante. Realizava visitas as residências das domésticas no período que não estavam trabalhando na casa dos patrões, normalmente no período noturno e finais de semana, quando elas mesmas realizam atividades domésticas em suas casas.

Em minha pesquisa utilizo entrevistas e conversas informais. Assim, a história oral possuiu real importância na construção da pesquisa. A história oral é baseada nos relatos de pessoas sobre suas vivências. O interlocutor usa suas memórias para transmitir suas histórias de vida, relatando suas experiências e situações cotidianas que acabam enriquecendo a pesquisa. Portelli (1997) discute a importância que cada indivíduo possui na história oral, pois as memórias de cada um não são iguais e se modificam de acordo com suas percepções da situação no decorrer de suas falas.

Portelli (1997) continua afirmando que apesar das memórias serem individuais, elas fazem parte de um processo social das pessoas em meio ao contexto no qual estão inseridas e são, de certa forma, criadas a partir do momento em que se utilizam da memória e começam a relatar histórias que já passaram. Assim, as narrações das histórias de vida dependem também do contexto em que ocorre a entrevista, da imagem que as pessoas querem passar e até mesmo do ambiente em que se encontram.

Dessa forma, foram realizadas entrevistas com as empregadas do bairro, as suas histórias foram as principais fontes que utilizei como dados para analisar em seus discursos as relações entre elas e seus patrões.

Assim, esses foram os subsídios metodológicos que me orientaram a obter as informações necessárias para a pesquisa.

2. Desenvolvimento

- Trocas e oposições na relação das empregadas domésticas com a família dos patrões

Dona Rosa sai todos os dias para trabalhar na residência dos patrões que conhece boa parte de sua vida. Eles são filhos de sua primeira patroa, e segundo a doméstica, “foram criados juntos”. Rosa trabalha para a mesma família desde sua infância. Com 8 anos de idade a doméstica era babá dos filhos dos patrões.

Toda vida eu trabalhei. Desde a idade de 8 anos que eu trabalho em casa de família... 8 anos eu era babá, mas não sabia fazer nem um mingal, só fazia botar o menino no colo e a mãe me entregava o mingal e eu dava. (ROSA, 2018)

O fato de Rosa trabalhar a tanto tempo para a mesma família, permite que ela tenha mais facilidade de conseguir trabalho para outras mulheres nas casas dos patrões. Em diversas ocasiões, Rosa indicou mulheres do bairro Terrenos Novos para suas patroas, tanto integrantes de sua família, como suas vizinhas.

Dona Rosa já narrou uma situação em que tinha se arrependido de ter indicado uma pessoa para patroa, pois essa mulher teve algumas atitudes que poderiam desagradar a patroa e de alguma forma ela se sentia responsável pelo que a outra doméstica fazia na residência dos patrões.

Velho (2012) destaca que as domésticas possuem uma espécie de “referência”, em que os patrões indicam as domésticas que já trabalharam em suas residências para outras pessoas. No caso observado de Rosa, as referências se dão através das próprias domésticas que indicam mulheres conhecidas para os patrões.

Nessa relação, a confiança é um quesito importante. Os patrões aceitam indicações de Rosa, pois nesse contexto confiam nela, já que a senhora trabalha há muito tempo para eles. Segundo Silva e Nunes (2013), a confiança nas empregadas domésticas é procurada pelos empregadores, pois consideram importante a presença de uma pessoa que transmita confiabilidade em seu meio íntimo.

Margarida relatou em entrevista que seus antigos patrões procuravam frequentemente a ela e a sua mãe, Dona Hortênsia, para voltarem a trabalhar para eles. “Eles colocavam uma empregada nova lá, não se davam lá, aí lá se vinha buscar nós, ou eu ou ela.” (MARGARIDA, 2018)

Carmélia também relatou em conversa informal como seus patrões confiavam nela para cuidar de seu filho. A ex-empregada doméstica, disse que em certa ocasião, quando decidiu sair do trabalho, os patrões pediram que ela voltasse para cuidar da criança.

Em meio a essas situações que demonstram a confiança dos patrões nas domésticas, também escutei em campo relatos que mostraram que nem sempre prevalecia esse sentimento.

A desconfiança por vezes também se faz comum no cotidiano dessas mulheres, algumas das domésticas inclusive relatavam ter medo de serem acusadas de roubo. Uma das domésticas que conheci em minhas vivências no bairro, me relatou em conversa informal que havia ocorrido um roubo na casa em que trabalhava, e que os patrões estavam desconfiando de uma das empregadas. A doméstica continuou afirmando que aquela não tinha sido a primeira vez que os patrões acusavam alguns de seus empregados,

e achava que eles arranjaram essa desculpa para demitir sem que o empregado fosse atrás de seus direitos.

Essa desconfiança evidenciada chega ao ponto de a doméstica afirmar que mesmo a casa em que trabalha tendo câmeras, ela evitava levar até mesmo bolsa, para que não fosse acusada de roubar algo.

Em meio a acusações e atitudes de desconfiança da parte dos patrões, minhas interlocutoras sempre ressaltavam que realizavam seus trabalhos de forma honesta. Assim, a honra é outra questão bastante colocada pelas domésticas.

[...] faço o meu serviço, honestamente, venho me embora, e pronto, tô nem aí. A patroa manda eu fazer uma coisa, a secretária manda eu fazer outra, se der eu faço, se não der eu não faço, eu não ligo não... Pra mim tudo tá bem. Quero saber se tô ganhando meu dinheiro honestamente e pronto. (ROSA,2018)

Ao definir o conceito de honra Rohden (2006) se refere a uma espécie de valor pessoal em relação a determinadas formas de agir. Essas formas de agir são esperadas pelo grupo à qual cada pessoa pertence. A honra é reafirmada através da sociedade. Sua aprovação é vista como importante pelos sujeitos que convivem socialmente.

Honra neste sentido é o valor que uma pessoa tem aos seus olhos e aos olhos da sociedade, por meio da conformação a determinadas formas de conduta. É uma reclamação pessoal de orgulho e também a aceitação do direito ao orgulho. Sentimentos, condutas, reputação e concessão de honra estariam implicados. Nas sociedades complexas, tende a haver uma fissura entre os pólos do sentimento e modo de conduta e da honra como benefício outorgado (por um monarca, por exemplo). Esses diferentes critérios entram em jogo em distintos momentos históricos e de acordo com o tipo de hierarquia que se estabelece em cada sociedade. (ROHDEN, p.105, 2006)

Dessa forma, a honra se apresenta fortemente nos discursos de minhas interlocutoras, sempre ressaltando o trabalho honesto que procuram realizar.

Em algumas ocasiões, as empregadas ganham presentes de seus patrões, como roupas usadas e utensílios domésticos, o que acaba caracterizando as trocas que são realizadas nas relações subjetivas do trabalho doméstico.

Mauss (1950) descreve a retribuição de algo que não necessariamente seja um objeto, como algo que implicitamente acaba sendo obrigado e é encarregado de interesses de ambos os lados. Assim, não só através de presentes há uma troca entre as domésticas e os patrões. Velho (2012) afirma que essas trocas no âmbito do trabalho doméstico podem ocorrer até mesmo através de um apoio moral que a empregada dá ao patrão em momentos difíceis da sua vida, ou que o patrão dá à doméstica. Esse apoio também pode ser financeiro, em casos em que a doméstica esteja precisando de dinheiro.

Em meu campo de pesquisa essas trocas estão bastante interligadas com os favores, tanto realizados pelas domésticas, como pelos patrões. Carmélia, por exemplo, já contou com o ex-patrão, que é advogado, para lhe ajudar com alguns problemas de seu filho.

Outra troca de favores pode ser vista através de Rosa. A doméstica afirmou que iria passar 18 dias cuidando de sua primeira patroa no final do ano, pois suas filhas iriam viajar e a senhora já é idosa, não podendo ficar sozinha durante esse período. Como Rosa diz gostar da primeira patroa e ser grata a ela, acabou aceitando a proposta.

A gratidão aqui pode estar vinculada nessas próprias relações de trocas, como o discurso de Rosa representa. Pieta e Freitas (2009) descrevem a gratidão como desejada e esperada nas interações travadas em sociedade. Nas situações corriqueiras, o sentimento de gratidão e troca está presente na relação de trabalho doméstico.

Entretanto, nem sempre essa gratidão esperada é correspondida da forma que os patrões desejam, o que acaba resultando em certos “mal estares” na relação patrão e doméstica. Minhas interlocutoras relatavam que nem sempre realizavam aquilo que os patrões queriam ou esperavam delas.

Rosa narrou uma situação que demonstra essa discussão sobre o termo gratidão. Em certa ocasião, a patroa chamou Rosa para viajar até outra cidade para que ela ficasse cuidando da mãe da patroa, enquanto a mesma iria sair para a praia. A doméstica se recusou a ir, pois havia sido contratada em algum tempo atrás para trabalhar em um casamento.

A recusa de Rosa não agradou a patroa, que acabou ficando um período sem falar com a doméstica, demonstrando não ter gostado da decisão tomada por Rosa. A doméstica relatou ter se sentido humilhada com essa situação, pois a patroa nem mesmo a cumprimentava ao encontrá-la na casa.

Essa situação demonstra o que ocorre quando o sentimento de gratidão esperado pela patroa não é concretizado pela doméstica, que recusa a ir para outra cidade. Também

demonstra que não necessariamente as empregadas fazem tudo aquilo mandado pelos patrões.

Collins (1990) afirma que através de entrevistas a empregadas domésticas, constatou que elas possuem um senso de autovalor, não deixando os patrões as maltratarem ou as colocarem como inferiores a eles. Diferente da imagem de mulheres passivas à exploração e às injustiças, as empregadas domésticas possuem agências e podem resistir de maneiras diretas ou indiretas.

Rosa contou em entrevista uma situação em que a chamaram para fazer um jantar para uma grande quantidade de pessoas. Entretanto, ela não aceitou, pois iriam pagar pouco em relação a todo o trabalho que iria ter.

Vai pra lá menino, o povo querem se aproveitar. Vem ninguém aqui, nem varrer uma casa pra mim. Às vezes fico doente três dias aí dentro de uma rede, e ninguém vem varrer uma casa, nem fazer um chá pra mim, aí eu vou.... quem pode fazer uma festa para 100 pessoas, pode pagar. “Mulher, eu vou por 200, é o preço que eu posso fazer.”. Não quis não, vai arranjar o mais barato, aonde? (risos) Vai arranjar mais barato, pode ir, fico com raiva não. Eu faço por 200 reais, e as minhas amigas brigam é comigo, que elas dizem que eu tô tomando a freguesia delas, que elas já fazem é por 300. Eu não, eu não gosto de explorar ninguém não, eu faço por 200 e elas me dão até as coisas que sobram [...]. (ROSA, 2018)

Nessa citação de Rosa além de demonstrar sua recusa diante tal trabalho, também acaba abordando um aspecto evidente nas suas vivências fora do trabalho remunerado, que seria o adoecimento da doméstica. Esse adoecimento por vezes acaba se agravando com as atividades remuneradas.

O trabalho realizado na casa dos patrões, acaba por influenciar no cotidiano das domésticas. Há alguns aspectos presentes na vida das empregadas domésticas que demonstram essa influência de suas atividades remuneradas em seus cotidianos vivenciados no bairro em que moram.

- O trabalho doméstico remunerado e a sociabilidade e socialização das domésticas.

No bairro Terrenos Novos, a sociabilidade das empregadas domésticas se dá através de suas convivências diárias, em que compartilham tanto espaço, como problemas, lazeres e afetos. A sociabilidade em si não se dá de forma simples, ela envolve

diversos aspectos, como afecções, trocas, interesses pessoais, além de também estarem ligadas ao trabalho, já que este pode influenciar na vida pessoal da doméstica.

Simmel (2006) coloca que a sociabilidade é formada por um conjunto de interesses dos indivíduos que acabam resultando em motivações das pessoas para manterem convívio com outras. Dessa forma, as relações travadas em sociedade são permeadas por diversas finalidades, podendo ser, econômicos, sociais, religiosos, entre outros. As interações sociais são concretizadas tendo por base esses interesses, que se dão através de impulsos que motivam as pessoas a se integrarem em sociedade em busca de algo.

As afecções vividas entre as domésticas e os integrantes de suas famílias e vizinhos, são aspectos importantes a serem vistos. A família, no discurso das empregadas, está sempre associada como o motivo de elas conseguirem trabalhar tanto. A própria entrada no trabalho doméstico de Rosa, se deu como uma forma de ajudar financeiramente a família. Em entrevista a doméstica relatou: “[...] naquele tempo a mãe muito pobre, a gente trabalhava pra ajudar a mãe. Ave Maria eu não comprava uma calcinha, era só pra ajudar minha mãe. Enquanto a mamãe foi viva eu ajudava muito a minha mãe [...]” (ROSA, 2018).

Margarida, filha de empregada doméstica, cresceu vendo Hortênsia trabalhar. Como em diversas ocasiões era levada para o trabalho de sua mãe, acabou aprendendo a realizar as tarefas. A doméstica contou em entrevista, “[...] eu sempre ajudei a minha mãe nas casas, sempre quando a minha mãe não ia ela... eu ia né, até que eu consegui aprender a fazer alguma coisa né, com ela.” (MARGARIDA, 2018)

Margarida conta que ainda em sua adolescência começou a trabalhar como doméstica substituindo a mãe no emprego, quando esta se encontrava com problemas de saúde e não podia trabalhar. “Aí quando ela saiu eu fiquei no lugar dela. Só nessa casa foi mais de 15 anos, né. A minha adolescência todinha foi trabalhando.” (MARGARIDA, 2018).

Assim, o primeiro emprego de Dona Margarida como doméstica foi na residência em que sua mãe trabalhava anteriormente, onde passou boa parte da sua adolescência trabalhando.

Atualmente Rosa conta com a ajuda de suas vizinhas para cuidar de sua filha mais jovem quando vai para o trabalho. Quando a menina fica sozinha em casa, Rosa pede para que os vizinhas “deem uma olhada” na filha. As vizinhas além de “dá uma olhada”,

também contam a Rosa se a menina faz algo que não agrada a mãe, como levar outras pessoas para sua casa quando está sozinha.

Apesar de os vizinhos ajudarem Rosa quando sua filha fica sozinha em casa, acontece de a doméstica levar a menina para o trabalho. A empregada afirmou que por levar sua filha para o trabalho, a garota já disse que queria trabalhar de doméstica como a mãe.

[...] tem dia que ela vai comigo, e diz assim, “mainha, eu quero trabalhar igual você”. E eu “Deus me livre, não queira não (risos), que não é bom não”. Casa de família não é bom não, a gente trabalha porque a gente precisa, mas até hoje eu tô aguentando. (ROSA, 2018)

Mesmo Rosa tendo começado a trabalhar muito cedo, quando tinha apenas 8 anos de idade, e afirmando não ter vergonha de trabalhar como doméstica, relata que quando pensa no futuro não deseja que sua filha siga esse mesmo caminho.

[...] emprego em casa de família eu não quero pra minha filha, não quero não... eu digo pra ela, “estude que é o pior emprego, né”. Todo emprego, todo dinheiro é digno, mas emprego de casa de família não é muito bom não. Quando é só um que manda, muito bem, tem casa que todos querem mandar [...] aí a gente fica sem saber a quem a gente atenda primeiro. (ROSA, 2018)

Assim, a possibilidade de sua filha trabalhar como doméstica não agrada a Rosa. A empregada deseja que sua filha siga outras profissões.

Além de pensar na socialização dessas mulheres, a relação das empregadas domésticas em sua própria casa com sua família é importante para compreender um pouco como ocorre sua sociabilidade no bairro em que moram. Essa relação também ajuda a pensar como o trabalho doméstico remunerado acaba influenciando no cotidiano das domésticas.

Por vezes o trabalho realizado na casa dos patrões, acaba interferindo na sociabilidade das domésticas em seu próprio território, em suas interações com a família e vizinhos. As empregadas domésticas acabam levando para suas interações pessoais em seu território alguns aspectos do trabalho que realizam na casa dos patrões.

Pode-se dizer que o reflexo do emprego doméstico na esfera cotidiana dessas mulheres não é algo exclusivo dessa categoria de trabalho. Essa questão também pode ser

encontrada em outros tipos de trabalho. A pesquisa de Lopes (1976) pode ser colocada como exemplo para esse debate. Em sua análise sobre operários de uma usina de açúcar, o autor coloca que o trabalho dos operários nas fábricas é refletido dentro de suas residências e em suas interações com sua família. Isso ocorre quando a esposa e os filhos do operário ficam em silêncio quando o pai está dormindo, ou ainda, quando ficam responsáveis por acordá-lo para que não perca o horário do trabalho. Aqui o cotidiano da casa é organizado de acordo com o trabalho do operário.

Mesmo não sendo exclusividade da categoria de trabalho doméstico, é importante destacar algumas especificidades da influência do trabalho remunerado no cotidiano das empregadas domésticas, já que essa questão está presente nas relações travadas diariamente na intimidade familiar.

O cansaço e o estresse do trabalho são refletidos nas interações com os familiares. Em ocasiões, ao encontrar os filhos das domésticas nas ruas do bairro Terrenos Novos, eles me diziam que suas mães “estavam bem, só que estressadas por conta do trabalho”.

Além disso, essas mulheres acabavam desenvolvendo ou agravando doenças físicas no trabalho. Algumas de minhas interlocutoras que não trabalham mais como domésticas, saíram de seus empregos por conta de problemas de saúde. As que continuam trabalhando relatavam com frequência suas dores físicas e doenças crônicas que acabam se agravando com a rotina do trabalho.

Por vezes a rotina em dessas mulheres é definida de acordo com o trabalho que exercem na casa dos patrões, tanto em relação aos horários que acordam, como em relação às atividades que realizam antes de saírem para trabalhar e as atividades que realizam ao chegarem em sua residência depois do trabalho.

A relação das empregadas domésticas com seus vizinhos também pode sofrer influências dessas questões. Um ocorrido que ilustra essa afirmação pode ser visto quando Rosa, ao ganhar roupas de sua patroa, as deu de presente para uma vizinha, pois as roupas não couberam na doméstica.

Pode ocorrer até mesmo das domésticas levarem o trabalho da casa dos patrões para sua residência, como ocorreu outrora com Dona Rosa, que levou a roupa dos patrões para lavar em sua própria casa.

Essa situação pode acabar por influenciar até mesmo no “tempo livre” das domésticas, em seu lazer e descanso. O tempo das domésticas acaba bastante vinculado com sua esfera no trabalho. Rosa, por exemplo, conta que não conseguiu ir visitar seu tio no hospital antes de ele falecer por conta do trabalho remunerado.

Cabe ressaltar que esses aspectos da sociabilidade das domésticas “fora do trabalho”, se caracterizam por possuir um forte marcador de questões gênero, em que a doméstica é a principal provedora econômica da família, mesmo que ainda considere as atividades domésticas como femininas.

- Economia de Retalhos e o “Tempo Livre” das Empregadas Domésticas

Ao descreverem suas trajetórias, minhas interlocutoras retratam frequentemente um trânsito entre as categorias de trabalho. Além de trabalharem como domésticas na casa dos patrões, também realizam atividades de vendas de comidas, assim como também realizam o trabalho doméstico em suas próprias residências. Em entrevista, a ex-empregada doméstica Margarida relatou vender lanches para conseguir uma renda extra. “[...] às vezes faço né, mas para mim vender aqui mesmo nos Terrenos, que eu faço pudim, faço pasteis, bolo, coisa salgada né [...], eu faço... sopa, assim, né... eu faço, cachorro quente. Eu vendo para apurar algum trocadinho.” (MARGARIDA, 2018)

O trânsito de tipos de trabalho encontrado em campo é chamado por Silva e Blanchette (2017) de economia de retalhos. A economia de retalhos se caracteriza justamente pelas diversas categorias de trabalho pelas quais passam determinados grupo de pessoas. Em meu campo de pesquisa as categorias variam entre o trabalho doméstico remunerado, o trabalho doméstico não remunerado e as vendas de alimentos.

Dessa forma, essas mulheres vagam entre essas categorias de trabalho, que geralmente são desvalorizadas socialmente e em sua maioria são consideradas culturalmente como femininas. Os trabalhos percebidos em nossa cultura como femininos são aqueles que envolvem atividades de cuidado, como o próprio trabalho doméstico.

A história de Carmélia ilustra bem essas questões. Nas conversas informais a interlocutora revelava constantemente em seu discurso esse trânsito de categorias, tendo trabalhado como empregada doméstica e vendedora de lanches. Apesar de não trabalhar mais como doméstica, Carmélia relata que não descarta as chances de voltar a exercer essa profissão, afirmando que se em determinado período de sua vida estiver passando por alguma necessidade, pode voltar a trabalhar como doméstica.

Margarida também conta em entrevista um pouco sobre o trânsito de categorias pelas quais ela passou. Realizando trabalhos vinculados a esfera do cuidado, como empregada doméstica, diarista, cozinheira.

Rosa trabalha fixo em duas residências, passando três dias em uma, e dois dias em outra. Além desses trabalhos fixos, Rosa também cozinha para casamentos e festas. Ela e

seu filho passaram um período com vendas de bolos. O lucro das vendas ficava para seu filho que estava desempregado.

Ao chegar em sua residência, depois de passar o dia trabalhando, Rosa realiza as atividades domésticas de sua casa. A rotina de Rosa é permeada pelo trabalho doméstico, tanto o trabalho na residência dos patrões, como o trabalho em sua própria casa.

Dessa forma, diversas vezes ao chegar na residência de Rosa, a encontrei varrendo a casa, lavando roupas ou fazendo o almoço. Ávila (2009) coloca que as empregadas também realizam o trabalho doméstico não remunerado em suas próprias casas, sendo isso um resultado da própria divisão sexual do trabalho em nossa cultura.

As domésticas me contavam que os integrantes de suas famílias “pensavam que elas eram suas empregadas”, pois se tinha subentendido que todas as atividades relacionadas à casa eram obrigações delas. Além de possuírem longas jornadas de trabalho nas casas de seus patrões, essas mulheres também limpam e cozinham em suas residências e cuidam de seus filhos.

Entretanto, Rosa também afirma que vem contando com a sua filha mais jovem no trabalho doméstico em sua própria casa. Já Iris, ao contrário de Rosa, relata que seu filho e seu marido realizam os serviços domésticos de sua casa quando ela não se encontra. Porém, ao contar sobre essa questão, a doméstica diz que recebe “ajuda” deles, não considerando que também seja obrigação das pessoas que moram na residência realizar as atividades domésticas. Aqui se pode perceber um dilema encontrado no campo de pesquisa, quando o trabalho doméstico feito por essas mulheres é considerado uma ajuda e quando é considerado trabalho.

Tanto Rosa como Iris sustentam suas famílias através de suas atividades remuneradas. Entretanto, é possível encontrar casos em que o trabalho doméstico realizado pelas mulheres pode ser considerado ajuda e não trabalho. Justamente por ser um trabalho considerado feminino, há a percepção de um “não trabalho” quando se trata do serviço doméstico, principalmente se ele é realizado pela própria “dona de casa”.

O dilema ajuda versus trabalho se encontra presente no campo de pesquisa. As atividades ligadas à casa são consideradas como ajudas, enquanto as atividades realizadas fora da casa são consideradas trabalho. Isso ocorre principalmente se as atividades dentro da residência forem realizadas por mulheres.

Heredia (1979) ilustra bem a contradição entre trabalho e ajuda ao descrever as distinções e caracterizações do trabalho realizado no roçado e na casa. A autora afirma que as mulheres são responsáveis pelo trabalho dentro das residências, que por sua vez,

não é reconhecido como trabalho. Mesmo quando essas mulheres realizam atividades que são consideradas masculinas, como o trabalho no roçado, saindo da esfera residencial do cuidado, as suas ações ainda continuam a não serem consideradas trabalho e seguem sendo vistas como uma ajudar da mulher ao árduo trabalho masculino.

Silva e Blanchette (2017) destacam como essas mulheres que transitam entre as categorias de trabalho consideradas desvalorizadas, possuem raça e classe específicas. A intersecção entre marcadores sociais da diferença colocada anteriormente está presente até mesmo nos tipos de trabalho em que as interlocutoras realizam, assim, as desigualdades de gênero, raça e classe se cruzam novamente na discussão sobre o mercado de trabalho.

O fato de as empregadas domésticas realizarem atividades domésticas em suas residências e outros tipos de trabalhos extras acaba interferindo no “tempo livre” dessas mulheres. O “não trabalho” das interlocutoras, na verdade, se caracteriza pela prática de diversas atividades, que consomem seu tempo de lazer e descanso.

Apesar de passarem boa parte de sua rotina trabalhando, as domésticas pesquisadas também participam de algumas atividades de lazer do bairro Terrenos Novos. Elas frequentam as igrejas, conversam com os vizinhos, participam de aniversários, chá de bebê, entre outras festinhas.

Porém, em algumas ocasiões as empregadas acabam trabalhando no próprio local que consideram como lazer. Em conversa informal, Rosa afirmou que iria para um chá de bebê de sua vizinha. A doméstica estava indo como convidada. Entretanto, a vizinha a contratou para preparar a sobremesa da festinha. Dessa forma, as empregadas domésticas possuem sua rotina envolta no trabalho. Mesmo em seu “tempo livre” é comum que estejam exercendo um variado tipo de atividades diferentes.

É possível perceber como ocorrem as sociabilidades das empregadas domésticas no bairro em que moram. É visível como o trabalho que realizam na casa dos patrões acaba por vezes a influenciar as interações dessas mulheres no bairro Terrenos Novos.

3. Considerações Finais

As mulheres que contribuíram para pesquisa são mulheres negras e moradoras da periferia de Sobral. Assim, toda a discussão referente às empregadas domésticas precisou ser realizada tendo como base o conceito de interseccionalidade. Como discutido anteriormente, a interseccionalidade se trata de um conceito que abrange a importância

de pensar os diálogos sobre gênero junto a outros marcadores sociais da diferença. No caso do meu campo de pesquisa, com raça, classe e território.

Rosa, Carmélia, Violeta, Margarida, Iris e Hortênsia, possuem histórias individuais, trajetórias de vida específicas. Entretanto, contêm pontos em comuns. Entre eles está o fato de todas já terem trabalhado como empregadas domésticas em algum momento de suas vidas.

Considerando as discussões realizadas no desenvolvimento desse artigo, se pode afirmar que a relação das empregadas domésticas com a família dos patrões não ocorre de forma simples. Envolve uma variedade de questões que a tornam mais complexa do que se pode imaginar. Essa relação se dá em meio de tensões e ambiguidades, acordos, trocas e resistência.

A presença de sentimentos como confiança e honra foi frequentemente falado pelas domésticas. Elas relatam trabalhar de forma digna, sempre destacando a sua honra nas relações travadas no cotidiano. Por trabalharem há muito tempo para a mesma família, é comum que as domésticas indiquem outras mulheres que conhecem para os patrões, conseguindo emprego para elas.

Em alguns casos, essa honra e confiança são colocadas em dúvida pelos patrões, como na acusação de roubo descrita por uma das empregadas que conheci no bairro Terrenos Novos. A gratidão também se encontra presente nessa relação, sendo uma atitude esperada pelos patrões e empregadas. Entretanto, nem sempre as atitudes de ambos seguem esse sentimento, resultando em desapontamento das partes envolvidas.

Em meio a essas oposições, as empregadas domésticas não aceitam tudo o que é mandado pelos patrões, assim, são agentes nessa relação e não totalmente passíveis e coniventes.

Dessa forma, é possível afirmar que a trajetória de minhas interlocutoras é marcada pela presença do trabalho doméstico. Isso porque este acaba influenciando na vida pessoal das empregadas, como já descrito um pouco anteriormente.

O trabalho que essas mulheres realizam ou realizaram na casa dos patrões acaba/ou se vinculando de forma direta à vida pessoal das empregadas e de suas próprias famílias. A maioria de minhas interlocutoras ou é filha de domésticas ou possuem outras integrantes de sua família que também trabalham nessa categoria.

Outro fator comum que encontrei entre minhas interlocutoras que cito nessa pesquisa é a saúde ligada ao trabalho realizado pelas domésticas. As empregadas se queixavam frequentemente de dores no corpo, além de doenças crônicas e doenças que

foram se desenvolvendo e piorando no trabalho doméstico. Os problemas de saúde foram os principais motivos da saída de Carmélia, Violeta e Hortênsia do trabalho remunerado que exerciam.

Além do trabalho doméstico remunerado, minhas interlocutoras transitam em outras categorias de trabalho, normalmente vinculadas à esfera do cuidado. Essas mulheres fazem vendas de lanches, cozinham para festas e jantares, e realizam as atividades domésticas de suas próprias casas. Antes mesmo de sair para trabalhar na casa dos patrões, as empregadas deixam a comida pronta para sua família.

Assim, quando não estão trabalhando na casa dos patrões, as empregadas continuam exercendo um variado tipo de atividades, tanto de cuidado em sua própria casa, como atividades que geram renda extra. O “tempo livre” das domésticas não se dá necessariamente por meio de descanso, e sim em meio a trabalhos, que por vezes acabam prejudicando os momentos de lazer das empregadas.

Em seu “tempo livre”, as domésticas se encontram em seus bairros, onde se concretizam as relações com sua própria família e vizinhos. Os vizinhos tanto ajudam as domésticas com seus filhos, como é o caso de Rosa que pede para os vizinhos “darem uma olhada” na filha quando está trabalhando, quanto estão presentes nas atividades de lazer de minhas interlocutoras. As empregadas conversam e participam de festinhas organizadas pelas pessoas do bairro que moram próximas de sua casa. Entretanto, é importante destacar que as domésticas, em alguns casos, acabam por também trabalharem nessas festinhas, cozinhando para os convidados.

Assim, as considerações aqui colocadas não podem ser ditas como totalmente concluídas, isso porque o campo de pesquisa é amplo e sempre dinâmico. Até mesmo em relação às minhas interlocutoras, é possível dizer que suas ações e percepções estão sempre mudando, não são fixas.

4. Referências Bibliográficas

ÁVILA, Maria Betania de Melo. **O Tempo do Trabalho das Empregadas Domésticas: Tensões entre Dominação/Exploração e Resistência**. Recife, 2009.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Feminismo Plurais, coordenação Djamila Ribeiro. 152 p. São Paulo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. Natália Luchini. Seminário “Teoria Feminista”, Cebrap, 2013. [Em inglês, *Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. Nova York/Londres, Routledge, 1990.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. “Casa-Roçado”. In: ____ . **A morada da vida**. Trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 77-104.

LOPES, José Sérgio Leite. *O Vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. 220 p. (Estudos brasileiros, v. 10)

MAUSS, Marcel. **Ensaio Sobre a Dádiva**. *Sociologia e Antropologia*, 1950, p.183-314.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez. 2008.

PIETA, Maria Adélia Minghelli. FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. **Sobre a gratidão**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 61, n. 1, 2009.

Presidência da República. **LEI COMPLEMENTAR Nº 150, DE 1º DE JUNHO DE 2015**. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp150.htm >

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Proj. História, São Paulo*, (15), ab1: 1997

ROHDEN, Fabíola. **Para que Serve o Conceito de Honra, ainda hoje?**. Ensaio Bibliográfico, 2006.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

VELHO, Gilberto. **O Patrão e as Empregadas Domésticas**. *SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS*, n.º 69, 2012, pp. 13-30.